

Ecoss da Tropicália: cinco bandas paulistanas e suas poéticas híbridas¹

Laan Mendes de BARROS²
Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Breve recordação histórica da Tropicália, movimento artístico-cultural que sacudiu a música popular brasileira no auge da ditadura militar. Produção, circulação e consumo musical em um cenário cultural alternativo, que se forja à margem da indústria cultural e influencia a construção de novas identidades e sociabilidades. Experiência estética na cultura midiaticizada, em articulações históricas e conjunturais. Objeto estético e percepção estética em contextos de hibridações culturais. O surgimento de novas manifestações tropicalistas no cenário musical brasileiro. Registro de cinco bandas paulistanas contemporâneas que carregam marcas do tropicalismo em suas poéticas musicais híbridas.

PALAVRAS-CHAVE: Tropicália; Hibridações culturais. Experiência estética; Música popular brasileira.

*Eu quis cantar
Minha canção iluminada de sol
Soltei os panos sobre os mastros no ar
Soltei os tigres e os leões nos quintais
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer*
(Versos de **Panis et Circencis** /
Composição: Gilberto Gil e Caetano Veloso /
Interpretação histórica: Mutantes)

TROPICÁLIA - O movimento cultural nascido no final dos anos 1960 no Brasil, no contexto da ditadura militar, deixou suas marcas na música popular brasileira. Ainda hoje é possível encontrar ecos daquelas experiências poético-estéticas lideradas por Gilberto Gil e Caetano Veloso na produção musical de bandas alternativas. Além da própria produção dos referidos compositores intérpretes, que de quando em quando retomam elementos daquele movimento de tons anárquicos, que subverteu o cenário cultural tupiniquim, outras

¹ Trabalho apresentado ao DT6 - GP Comunicação, Música e Entretenimento do XVIII Intercom Sudeste – UNESP - Bauru - SP – julho de 2013.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professor titular da Universidade Metodista de São Paulo - email: laan.barros@metodista.br ou laan.mb@uol.com.br.

iniciativas têm recuperado bem o espírito tropicalista, como foi o caso do movimento *Manguebeat*, surgido no Pernambuco, nos anos 1990. Sempre em um caminho alternativo, próprio da contracultura, repleto de hibridações estéticas e culturais, tais produções não se enquadram nos padrões da indústria cultural próprios da instituição mercado. Elas preservam o caráter de movimento e a autonomia próprios das experiências estéticas inovadoras, que provocam mudanças de rumos na cultura.

Essas manifestações culturais caminham de encontro aos modelos alimentados pelas lógicas do mercado, onde a adoção de fórmulas de sucesso torna mais difícil o surgimento de novas formas poéticas e estéticas, como já nos advertia Umberto Eco:

Onde a fórmula substitui a forma, só se encontra êxito decalcando parâmetros, e uma das características do produto de consumo é que ele nos diverte não por revelar-nos algo de novo, mas por repetir-nos algo que já sabíamos, o que esperávamos ansiosamente ouvir repetir e que é a única coisa que nos diverte. (ECO, 1979, p. 298)

A Tropicália surgiu na contramão da formatação da música popular brasileira predominante na época, que tinha no *iê-iê-iê* da chamada “jovem guarda” seu melhor e mais bem sucedido exemplo. O *iê-iê-iê* se constituía em um movimento pop romântico, pseudo-rebelde, que embalava a juventude menos politizada, com composições, arranjos e interpretação moldados a partir de decalques da música pop internacional. Contra aquele modelo surge a Tropicália, que, no entanto, também não repetia o caráter panfletário e mal-humorado da música de protesto. A crítica tropicalista se dava no campo da estética, na forma plena de conteúdo. Era protesto, sim, e feito de maneira aguda, tanto que seus protagonistas foram perseguidos e presos pelas forças de repressão. Mas construído com sofisticação estética e coragem de experimentação, que se traduzia em peças inusitadas, ricas em suas dimensões lúdica e onírica, que se concretizavam no campo da interpretação como experiência catártica. Os participantes do ritual cultural proposto nas celebrações tropicalistas eram envolvidos em uma atmosfera de questionamento político e social e de ruptura de padrões estéticos e morais. Nos dizeres de Edgar Morin (1986, p.113), algo próprio da noção *homo ludens-demens*, que joga e imagina, que produz “poesia e arte, sonho e delírio, loucura e horror”. Esse ser humano complexo, multidimensional, está presente na experiência estética tropicalista, que se configurava em suas primeiras manifestações, que tiveram nos festivais de música popular o seu espaço de expressão, e

retornam em novas experiências culturais presentes na cena urbana contemporânea, repletas de hibridações, que tem na Internet seu palco de exposição.

Esses ecos da Tropicália na música alternativa contemporânea, que se encontra na cena *underground* urbana e no espaço virtual da rede interconectada de computadores, são trazidos neste artigo, a partir da identificação de cinco bandas paulistanas e breve análise de sua produção recente. Três delas já foram objeto de nosso estudo em artigo recentemente apresentado no Encontro Anual da Compós, realizado em Salvador, BA. Naquela ocasião analisamos as articulações entre música e história em quadrinhos e trouxemos, como referência de gênero, a obra *Tubarões Voadores*, de Arrigo Barnabé e Luiz Gê, lançada em 1984, no ambiente da chamada Nova Vanguarda Paulistana, que se reunia no teatro Lira Paulistana. Neste novo artigo ampliamos o conjunto de bandas analisadas e buscamos articulações, mesmo que pontuais, entre sua produção e o movimento tropicalista, apresentado ao público no Festival de MPB da TV Record de 1967 e perpetuado no disco-manifesto *Tropicália ou Panis et Circensis*, uma obra coletiva, orquestrada por Rogério Duprat, lançada em 1968, que se tornou um clássico da discografia popular brasileira.

As bandas que ora trazemos, em breves análises de suas produções artístico-midiáticas, são: *Maraska*, *Loungitude 46*, *X-Sampa*, *Pedra* e *Bande Dessinée*. Todas têm em comum uma poética musical experimental, que se concretiza em experiências estéticas híbridas, operadas pela mescla de ritmos e gêneros musicais e, até mesmo, no diálogo com outras linguagens artísticas.

1. A essência híbrida da estética tropicalista

Movimento surgido no auge do Regime Militar brasileiro, a Tropicália carrega uma essência híbrida em sua constituição e identidade. Naqueles tempos em que se instalara a censura e o cerceamento da liberdade de expressão, era preciso achar brechas para o exercício da arte e da crítica. Era preciso recorrer à metalinguagem, à ironia e à bricolagem de linguagens poéticas e musicais. As matrizes regionais eram combinadas com outras advindas de diferentes partes do mundo. Nos temas e elaboração das letras e nas referências e composição das músicas surgiam combinações inusitadas, que ora causavam estranheza e desconforto, ora fascinação e deleite. Harmonias e dissonâncias. Os arranjos musicais e as

interpretações traziam uma carga dramática própria do teatro e do cinema, eram repletos de citações e referências vindas de outras mídias e âmbitos da cultura midiaticizada, como o jornalismo e a publicidade. O provinciano se articulava ao universal, o artesanal com o industrializado, o folclórico com o midiaticizado, o acústico com o eletrônico, o rudimentar com o sofisticado, a tradição com a modernidade, o popular com o erudito, o sagrado com o profano. Uma inventividade e inovação estética que só podem ser comparadas, em nível de grandeza, na cultura brasileira, ao movimento modernista da década de 1920, que se propôs uma experiência antropofágica como estratégia criativa. Ao subverter a ordem estética na produção artística, os tropicalistas, assim como os modernistas, propunham a subversão da ordem ética da política e das relações sociais. A Tropicália é, sem dúvida, um marco na cultura brasileira e sua natureza é essencialmente híbrida.

Um bom exemplo dessa natureza híbrida da Tropicália está na canção *Panis et Circencis*, da qual trouxemos alguns versos na epígrafe deste artigo, faixa título do disco-manifesto do movimento tropicalista, uma produção coletiva. Na gravação original, com *Os Mutantes*, a melodia desprezível da canção de Caetano Veloso e Gilberto Gil, quase minimalista, é entrecruzada por sons de parque de diversão, de bordões de trompetes que remetem às touradas e, mesmo, da valsa *Danúbio Azul*, de Johann Strauss³. Os timbres vocais dos irmãos Batistas e de Rita Lee e das guitarras distorcidas lembram as harmonias e dissonâncias do pop-rock da cena londrina daquela época. Em uma remixagem publicada no mesmo ano, em um disco da banda, a música é aberta pelo tema musical de abertura do programa radiofônico *O Repórter Esso*, que poderia ser comparado, em termos de identificação popular, à vinheta do *Plantão Nacional*, ou à abertura da *Hora do Brasil*.

Além dos cantores-compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil, do maestro Rogério Duprat e da banda de pop-rock *Os Mutantes*, a primeira formação do grupo tropicalista contou com a presença do compositor Tom Zé, das cantoras Gal Costa e Nara Leão e dos letristas Capinan e Torquato Neto. Origens e estilos diferentes reunidos em experimentações poético-estéticas que ganharam unidade justamente pela proliferação de formas em constante hibridação.

As influências do movimento hippie e das estéticas psicodélica e dadaísta também são identificáveis na proposta tropicalista. Além das elaborações musicais, tais referências

³ A peça de Johann Strauss também está presente na trilha musical do filme *2001 Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick, lançado no mesmo ano de 1968, um clássico do cinema americano que marcou o gênero de ficção espacial.

ficam evidentes nas capas dos discos daquele movimento. A Poesia Concreta de Décio Pignatari, o Cinema Novo de Glauber Rocha, o Teatro de Oficina de José Celso Martinez Corrêa e os Parangolés do artista plástico Hélio Oiticica também dialogavam dialeticamente com a música tropicalista.

A carreira daqueles músicos ficou marcada pela experiência tropicalista. Caetano e Gil voltam àquelas origens estéticas em algumas de suas produções. Em comemoração aos 25 anos do disco emblemático já citado, os dois compositores lançaram, em 1993, o álbum *Tropicália 2*, que recupera elementos sonoros e poéticos do espírito tropicalista, em novas fusões e hibridações. Tom Zé, em especial, mantém a mesma verve anarquista da juventude em suas produções atuais, pouco conhecidas do grande público, mas bem aceitas pela Crítica nacional e internacional.

Dentre os herdeiros da Tropicália, o já citado movimento *Manguebeat*, surgido nos anos 1990 é o que melhor transpirou a efervescência tropicalista. As experiências estéticas de Chico Science e Nação Zumbi repercutiram no cenário cultural do final do século XX e mereceram estudos acadêmicos, como é o de Herom Vargas (2007). Na referida pesquisa, o autor ressalta a mestiçagem cultural como marca bem presente da música popular brasileira e mostra como o movimento pernambucano se servia de múltiplas influências:

A idéia central do Manguebeat era equiparar a produção musical *pop* recifense com o que havia de mais criativo no *pop* internacional, ao mesmo tempo em que aceitavam e utilizavam um rico e diversificado material sonoro tradicional da própria região consubstanciado nos gêneros, ritmos e instrumentos pernambucanos que mais se aproximavam das formas musicais afro-americanas globalizadas (*rock, funk/soul e rap*) e, mais tarde, das músicas produzidas por músicos africanos (Fela Kuti, Manu Dibango entre outros) ou com que melhor se mesclava com elas. (VARGAS, 2007, p 63)

Outras bandas também assumiram aquela estética de vanguarda, tais como: Mundo Livre S/A, Mestre Ambrósio, Chão e Chinelo, DJ Dolores, Eddie, Mombojó, Faces do Subúrbio e Comadre Fulozinha. A partir de combinações do maracatu com ritmos internacionais, essas bandas recolocaram na cena musical brasileira a idéia tropicalista, plena de hibridações estéticas. É verdade que o movimento perdeu força nos anos subsequentes, mas seu aparecimento mostra que o embrião tropicalista permanece vivo.

Outra manifestação musical que merece aqui nosso destaque, pela herança tropicalista, é a produção de Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte intitulada *Tribalistas*, álbum lançado em 2002. Neste caso, não podemos falar de um movimento, pois

o trio não existe fora daquela produção, que se desdobrou em shows pelo Brasil e exterior. No entanto, dada a natureza tropicalista daquela produção e à sua repercussão na mídia brasileira, vale registrar nesta memória.

2. Experiências estéticas híbridas na cultura midiaticada

São muitas as manifestações de hibridação cultural e tecnológica na mídia contemporânea. Alguns meios são essencialmente híbridos, seja no aspecto tecnológico, ou na combinação de linguagens. Vivemos tempos de multimídia, de experiências poéticas e estéticas que não mais se enquadram em categorias e gêneros fechados. Se tal complexidade já estava presente no cinema e em outros meios audiovisuais, no mundo da Web ela se aprofunda e se dinamiza, articula informação e entretenimento, intensifica dimensões lúdicas e oníricas. Nesse amplo universo têm nos chamado a atenção experiências estéticas híbridas que articulam música e história em quadrinhos, algumas delas com traços tropicalistas. É verdade que a combinação entre som e imagem já estava presente nos video-clips, tão difundidos no universo televisivo. No entanto, o jogo entre canções e história em quadrinhos ilustra bem às reflexões que aqui trazemos sobre objetos e percepções híbridas da cultura midiaticada, já presentes na experiência estética tropicalista.

Vale lembrar que experiência estética tropicalista sempre se configurou como “obra aberta”, passível de constantes reinterpretções. Sua elaboração poética tem caráter coletivo e colaborativo. Sua proposta se abre em diálogo com os intérpretes, em clara valorização da percepção estética, que implica o espectador na recriação do objeto estético. E isso se dá a partir de uma valorização do campo semântico do receptor, que é visto como sujeito ativo do processo que se desenvolve.

Nas reflexões de Rancière encontramos a valorização do espectador nos processos de observação, seleção, comparação e interpretação do objeto estético, a partir de seu campo semântico e seu universo de representações

O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com elementos do poema que tem diante de si. Participa da performance refazendo-a à sua maneira, furtando-se, por exemplo, à energia vital que esta supostamente deve transmitir para transformá-la em pura imagem e associar essa pura imagem a uma história que leu e

sonhou, viveu ou inventou. Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto. (RANCIÈRE, 2012, p.17)

A experiência tropicalista, retomada em manifestações musicais posteriores, só pode ser compreendida em sua complexidade nessa chave da recriação estética, onde os espectadores se convertem em intérpretes ativos do espetáculo. O sentido não fica, portanto, contido no objeto estético; mas se desdobra em múltiplos sentidos presentes na percepção estética que se vivencia no tempo-espaço da recepção.

A produção de sentidos se dá, portanto, a partir de uma “circulação diferida e difusa”, como nos propõe José Luiz Braga (2006). Na obra *A sociedade enfrenta a sua mídia*, ele nos fala desse “sistema de circulação interacional” que se dá na “movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (2006, p. 28). Podemos, então, articular a idéia de hibridação cultural, que marca a experiência estética tropicalista, à idéia de mediação da sociedade, estudada por Braga, e às formulações de Jesús Marin-Barbero (1997 e 2004), sobre as “mediações culturais da comunicação” e as “mediações comunicacionais da cultura”.

Na cultura midiaticizada contemporânea são múltiplas as hibridações culturais presentes nos processos de criação e recepção. Eles são balizados por mediações culturais que matizam poéticas e estéticas, que dão novas bases a cada retomada de um movimento artístico. É assim com a tropicália, que ganha novas formas dependendo do tempo histórico e lugar social em que surgem novas manifestações. Cabe ficar atento a novas aparições daquela matriz cultural.

3. Heranças tropicalistas na estética de cinco bandas contemporâneas

Teríamos um novo surto tropicalista na cena musical paulistana do início do século XXI? O que há da gênese tropicalista na produção de bandas paulistanas que mesclam música e história em quadrinhos e circulam na Web?

Trazemos aqui cinco bandas musicais contemporâneas brasileiras que realizam experiências poético-estéticas que mesclam música e história em quadrinhos, som e artes visuais. São elas: *Maraska*, *Loungitude 46*, *X-Sampa*, *Pedra* e *Bande Dessinée*. Tais grupos se inserem em um espaço alternativo do cenário cultural, ocupando territórios sonoros e artísticos bem característicos, meio *undergrounds*, que se situam à margem das dinâmicas

comerciais da indústria cultural e atraem um público específico, predominantemente jovem, articulado por meio de redes de relacionamento. Essas bandas têm o seu nicho, ocupam espaços de criação artística e de escuta segmentados, independem dos meios de comunicação de massa. Tais espaços configuram o que Jeder Janotti Jr. (2011, 2012) identifica como “cenas musicais”, pois envolvem experiências estéticas próprias. Para o pesquisador:

As cenas musicais funcionam assim como um enquadramento de práticas de escuta que englobam experiências estéticas, redes sociais e lógicas econômicas. Os territórios sonoros forjados nas cenas são circunscrições de experiências e consumos culturais, reforçando desse modo a importância dos mapas sonoros para a apreensão do valor estético e econômico da música popular massiva. (JANOTTI JR, 2012, p. 14)

Tais experiências estéticas – como outras que escapam das fórmulas descartáveis da indústria cultural – são concretizadas em objetos e percepções estéticas que mesclam linguagens e sensações, que se abrem para dimensões lúdicas e oníricas presentes na produção de sentidos, nos planos da *poiesis* e da *aisthesis*, da criação e da recepção.

Quatro dessas bandas chamaram a nossa atenção a partir de um comentário do jornalista Gilberto Dimenstein na rádio CBN, que foi ao ar em 12 de novembro de 2012, no qual ele divulgava uma série de shows que aconteceriam no SESC Consolação, na cidade de São Paulo, e fazia a chamada para o site *Catraca Livre*⁴, que disponibilizava a programação completa do evento. O *Catraca Livre* trazia a manchete *Estética dos quadrinhos na música inspira a série “HQ Show”* e o lead – meio subtítulo – *Evento traz bandas que dialogam com as duas linguagens*. Como estávamos às voltas com a temática da hibridação midiática e cultural e havíamos, naquela época, reencontrado um velho disco de vinil de Arrigo Barnabé, o assunto nos atraiu, mesmo que não fosse possível assistir aos shows.

Já a *Bande Dessinée* mereceu nossa atenção pelo próprio nome que adota, de origem francesa, que traduzido ao português seria, justamente, “história em quadrinhos”. Criada em Recife, Pernambuco, essa banda tem um caráter internacional, pois interpreta em francês várias de suas músicas, influenciadas por gêneros e movimentos musicais daquele país.

⁴ Conforme registra o histórico do próprio site, “o *Catraca Livre* foi desenvolvido em julho de 2009 por estudantes universitários da USP, PUC, FAAP, Mackenzie e Metodista, a plataforma foi idealizada pelo jornalista Gilberto Dimenstein, ganhador dos principais prêmios brasileiros de jornalismo e de literatura. O site surgiu da necessidade de agrupar, em uma única plataforma, as novidades gratuitas do cenário cultural paulistano. Inicialmente, foram divulgadas as atividades do Centro da cidade. Aos poucos, todos os equipamentos culturais paulistanos começaram a ter suas atividades divulgadas. Hoje, além das atrações da capital, fazem parte da divulgação as ações realizadas na região metropolitana e algumas capitais brasileiras.”

Do grupo *Maraska*, selecionamos o vídeo *Contos e Cantos do Maraska: Pscircodelia*, que traz uma síntese de seu CD-Livro: *Pscircodelia*, publicado pela editora Devir, disponível em http://www.youtube.com/watch?v=IRnScMMDuMU&feature=player_embedded#!. A peça audiovisual tem início com uma sonora que reproduz o toque de um despertador, redundada por inscrições textuais “bip...bip...bip”. No desenho, com imagens estáticas em sequência, o personagem – que nunca aparece de corpo inteiro – se levanta da cama, bravo com a situação, e passa a realizar as rotinas do início do dia. Ele como que dialoga com o espectador e com a própria narrativa, em movimentos de metalinguagem. Em determinado momento do *clipe* vem uma breve nota que apresenta o CD-Livro HQ e a proposta da própria banda como “uma narrativa VISUAL e MUSICAL. A Banda Multimídia MARASKA mostra seus contos através da arte representada pelos quadrinhos, música, vídeos e performances...” Segue-se rápidas aparições dos componentes da banda e uma “sinopse” da obra. O livro HQ, que reproduz elementos de *Graphics Novel*, traz a história de um quadrinista que coloca a sua sanidade em xeque quando suas histórias são invadidas por um enigmático palhaço que invade a sua realidade. As histórias-canções do *Maraska* são povoadas por fadas, seres fantásticos, personagens circenses e muitas músicas. Os quadrinhos compõem não só o cenário visual das músicas, mas estão refletidas na dimensão lúdica e onírica que elas trazem.

A banda *Loungitude 46* – que traz no nome uma referência à localização da cidade de São Paulo – também incorpora a mídia impressa em seus lançamentos musicais. O disco *Ação e Reação* é acompanhado de um livreto, com as letras das músicas, ilustradas com imagens que seguem o estilo das histórias em quadrinhos. É verdade que a idéia da arte sequencial fica menos evidente, vez que cada página traz uma composição gráfica. No entanto, os personagens – integrantes da própria banda – em representações caricatas, dão ao caderno um caráter de HQ. A música é requintada em termos melódicos e harmônicos, mescla elementos de jazz e ritmos brasileiros. As letras são elaboradas e guardam uma dinâmica própria dos jogos e brincadeiras. Os arranjos são limpos, sem complicações. O clima é descontraído e reflete a informalidade do universo dos quadrinhos.

Já a banda *X- Sampa* tem a articulação música-quadrinhos em seu próprio processo produtivo e nas dinâmicas de show. Os músicos são também desenhistas. Suas produções de HQ são transformadas em painéis, levados a exposições públicas, onde a banda toca composições – predominantemente instrumentais – feitas a partir das imagens que estão

expostas. Um vídeo da banda, disponível do YouTube, documenta bem esse processo produtivo, que articula experiência poética e experiência estética, em dinâmicas de criação e recriação. A exposição, denominada *Sopa Graphics*, ganha um caráter performático e reflete a dinâmica de trabalho da banda. Os integrantes relatam como a música realimenta as HQs e como as HQs impulsionam a música do grupo. O vídeo está disponível no endereço: http://www.youtube.com/watch?v=ZK3IPbhNr1o&feature=player_embedded . Mais do que um produto acabado, editado em CD ou livro, a produção da X-Sampa aparece como um processo em constante construção, pleno de hibridações semióticas e culturais.

A banda *Pedra* assume mais explicitamente a linguagem do rock, em releituras de clássicos da MPB e composições próprias. Aqui selecionamos a interpretação da música *Cuide-se bem*, de Guilherme Arantes, que tem um belo *clipe* disponível no YouTube: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=rf-VQpsLgQk . A peça – feita em a linguagem HQ – tem um caráter plástico, que casa música e imagem de maneira harmônica e bem acabada. A interpretação da banda – montada na estrutura clássica das bandas de rock – tem intensidade e peso. Além da interpretação competente do cantor, os solos de guitarra e viradas de bateria envolvem os amantes do gênero.

Por fim, da *Bande Dessinée* destacamos a música *Tropiques*, em um remix de William Paiva, que combina a música eletrônica com a computação gráfica. O vídeo está disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=E1W55dd8_Og . A mescla da pulsação rítmica da música, bem na linha do som das baladas, com os jogos gráficos computadorizados reflete grande sintonia. A linguagem HQ fica por conta das brincadeiras que o *web design* introduz nas imagens e em desenhos bem característicos das histórias em quadrinhos que aparecem nalguns momentos.

5. Mas as pessoas na sociedade midiaticizada “são ocupadas em nascer e morrer”

A conhecida ideia de “obra aberta”, proposta por Umberto Eco (1968), se aplica bem a essas produções artístico-midiáticas de natureza tropicalista. Nelas a experiência estética não fica limitada ao objeto estético, mas se completa na percepção estética, na interação do artista – compositor, músico, arranjador, quadrinhista, desenhista – com o receptor, vivenciada nos processos de interpretação. Ao nos propor uma “hermenêutica da obra de arte”, Hans-Georg Gadamer (2010) fala desse caráter transitório e em constante

transformação da obra de arte, que ele sugere ser pensada como “construto”. Para ele (GADAMER, 2010, p. 52), “o construto que a obra de arte é precisa ser sempre novamente erigido nas artes reprodutoras”. Trata-se, pois, de um jogo entre obra e fruidor, de um confronto entre objeto estético e percepção estética, experienciado em uma relação especular. Segundo o filósofo alemão,

O jogo da arte é muito mais um espelho que sempre emerge novamente através dos milênios diante de nós, um espelho no qual olhamos para nós mesmos – com frequência de maneira por demais inesperada, com frequência de maneira por demais estranha – no qual olhamos como somos, como poderíamos ser, o que acontece conosco. (GADAMER, 2010, p. 56)

Nesse jogo, o espectador se apropria da obra, transformando-a em objeto estético. No âmbito da percepção estética, ele vivencia uma relação de troca, de natureza especular. Neste sentido poderíamos tomá-lo como um “expectador”, que projeta suas expectativas ao confrontar o objeto estético, a partir de seu campo semântico e de seu universo simbólico. A produção de sentidos se dá, então, em uma dinâmica dialética, plena de polissemias.

A estética tropicalista, marcada pela antropofagia de linguagens e sentidos, parece estar presente nas produções aqui trazidas das bandas paulistanas. Elas se apresentam como experiências híbridas entre música e história em quadrinhos e ilustram nosso entendimento de que a produção de sentidos é algo dinâmico, que envolve obra e intérprete em um jogo especular. Na sociedade midiaticizada em que vivemos é preciso pensar a cultura e as produções midiáticas em uma perspectiva híbrida, em constante transformação, em um contexto de interculturalidades e mediações intermediárias, onde o receptor vivencia na experiência estética uma experiência poética. Mais que um receptáculo das mensagens a ele transmitidas, o receptor se torna, então, um fruidor. Neste sentido, o confronto de Rancière (2011) entre “embrutecimento” e “emancipação” do espectador nos desafia a entender a dimensão pedagógica da comunicação, na formação de leitores-ouvintes ativos, de interlocutores.

Quanto isso acontece nas intersecções entre arte e mídia, entre estética e comunicação, a liberdade de participação dos interlocutores, então emancipados, se amplia e o fenômeno comunicacional alcança a sua essência prevista na idéia de “compartilhamento”, de “tornar comum a muitos”, conforme origem etimológica do verbo comunicar, do latim *communicare*.

A experiência estética na cultura midiaticizada contemporânea pode ser dinamizada como tal, como um jogo de inter-relações criativas, marcadas pela interatividade e

possibilidades de constante re-criação. O contexto de convergência tecnológica, hibridações midiáticas e interculturalidades é propício a essa redescoberta da relação interacional da comunicação.

Cabe, nestas notas finais, indagar sobre impacto social dessas produções musicais. Se a força transformadora do tropicalismo ainda persiste nas novas manifestações que trazem elementos de tal matriz cultural. Se nestes tempos de aparente liberdade e democracia formal, de certa estabilidade social e econômica, traduzidas na inclusão de amplos setores da população na sociedade de consumo, ainda há lugar para a estética tropicalista. Ou se a hibridação cultural contemporânea não se dá apenas pelas lógicas do mercado globalizado, sem grandes pretensões políticas, ou mesmo estéticas. Na atualidade as utopias se esvaziaram e as novas gerações já não mantêm o mesmo ela, a mesma mobilização dos tempos de luta pela liberdade. Haveria ainda ambiente social para a estética tropicalista no cenário musical brasileiro 45 anos após o seu surgimento? Ou o que nos resta é sentar à mesa da sala de jantar e nos ocupar em nascer e morrer?

REFERÊNCIAS

BARROS, Laan Mendes de. Experiência estética e experiência poética: A questão da produção de sentidos. In: XXI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. **Anais GT Comunicação e Experiência Estética**. Juiz de Fora: UFJF / Compós, 2012a.

_____. O consumo da canção como experiência estética. **Contemporanea** (UFBA. Online), v. 10, p. 68-79. Salvador: UFBA, 2012b.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**: Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CARDOSO Filho, Jorge. Alteridade como dimensão estética em Selvagem?, dos Paralamas do Sucesso. In: XXI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. **Anais GT Comunicação e Experiência Estética**. Juiz de Fora: UFRJF / Compós, 2012.

DUFRENNE, Mikel. *Phénoménologie de l'expérience esthétique – Tome I – L'objet esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992a.

_____. *Phénoménologie de l'expérience esthétique – Tome II – La perception esthétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992b.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**, São Paulo, Perspectiva, 1976.

_____. **Apocalípticos e Integrados**, São Paulo, Perspectiva, 1979.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**, 4ª. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JANOTTI Jr. Jeder. *Are you experienced?: experiência e mediatização nas cenas musicais*. In: XX ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. **Anais GT Comunicação e Experiência Estética**. Porto Alegre: UFRGS / Compós, 2011.

_____. *War for Territory: cenas, gêneros musicais, experiência e uma canção heavy metal*. In: XXI ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. **Anais GT Comunicação e Experiência Estética**. Juiz de Fora: UFJF / Compós, 2012.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Ed 34, 2009.

_____. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **O espectador emancipado**. São Paulo : WMF Martins Fontes, 2011.

VARGAS, Herom. **Hibridismos musicais em Chico Science & Nação Zumbi**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

Sites pesquisados:

<http://catracalivre.folha.uol.com.br/2012/11/estetica-dos-quadrinhos-na-musica-inspira-a-serie-hq-show-no-sesc-consolacao/>

BANDAS:

<http://www.maraska.com.br/>

<http://loungetude46.com/>

<http://www.sopaxsampa.com/>

<http://www.pedraonline.com.br/>

<http://www.bandedessinee.com.br/>

Tubarões voadores - : <http://www.youtube.com/watch?v=qTLlnY4WSSY>